



**CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES
PRÓ-REITORIA DE ENSINO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E JURÍDICAS
CURSO DE PEDAGOGIA**

**“ABRINDO AS CORTINAS” –
EM CENA: CRIANÇAS DE 5 A 8 ANOS DE IDADE
VESTINDO FANTASIAS EM UMA BRINQUEDOTECA**

Aline Rodrigues

Lajeado, junho de 2012

Aline Rodrigues

**“ABRINDO AS CORTINAS” –
EM CENA: CRIANÇAS DE 5 A 8 ANOS DE IDADE
VESTINDO FANTASIAS EM UMA BRINQUEDOTECA**

Monografia apresentada na disciplina de Trabalho de Curso II, do Curso de Pedagogia, do Centro Universitário Univates, como parte da exigência para a obtenção do título de Pedagoga.

Orientadora: Prof. Me. Tânia Micheline Miorando

Lajeado, junho de 2012



“A fonte de toda a atividade educativa está nas ações impulsivas da criança. As atividades de expressão desenvolvem a personalidade através da espontaneidade e formam-na por intermédio da cultura. Somente num clima de liberdade, o aluno libera suas potencialidades afetivas, intelectuais e físicas. As atividades de expressão inscrevem-se num contexto contemporâneo e social.” (REVERBEL, 1997, p. 162)

RESUMO

As roupas e adereços utilizados pelas crianças como fantasias possuem um papel fundamental na vida das crianças, embora muitas pessoas acreditem que as crianças vestem fantasias apenas como um simples ato de diversão. Nas fantasias estão contidos muitos significados e aspectos relevantes que podem ser exteriorizados pelas crianças, pois elas também utilizam da imagem, além da linguagem verbal para expressar seus sentimentos. O estudo buscou identificar o motivo pelo qual as crianças possuem muito agrado por vestirem fantasias e a metodologia desta monografia é qualitativa: envolveu observações de quatro crianças, da faixa etária de cinco a oito anos de idade que frequentaram a Brinquedoteca do Centro Universitário Univates e brincaram com as fantasias existentes naquele espaço. A conclusão do estudo foi que ao brincar vestindo a fantasia tudo se torna lógico e humano para a criança pelo fato de este material possibilitar diversas interpretações e ser um símbolo que vive de sua autonomia, adaptável a muitas realidades. As fantasias auxiliam no entendimento de mundo e aprimoram o desenvolvimento das aprendizagens cognitivas, físicas e emocionais das crianças.

Palavras-chave: Infância. Brinquedoteca. Fantasia.

SUMÁRIO

1 COM VOCÊS, O ESPETÁCULO	05
1.1 O cenário e os atores	05
1.2 Os bastidores	08
2 CENA 1... CLACKET... AÇÃO...	12
3 CENA 2... CLACKET... AÇÃO...	16
4 CENA 3... CLACKET... AÇÃO...	28
5 CENA 4... CLACKET... AÇÃO...	33
6 CENAS FINAIS	38
REFERÊNCIAS	41

1 COM VOCÊS, O ESPETÁCULO!

1.1 O cenário e os atores

Este trabalho foi desenvolvido a partir de um tema de livre escolha para conclusão do Curso de Pedagogia, com habilitação em Educação Infantil e Anos Iniciais, no semestre B/2012. O Curso de Pedagogia foi uma sequência na minha escolha profissional, que foi iniciada com a formação no Curso Normal em uma escola privada, da cidade de Lajeado/RS, na qual atualmente atuo como professora de uma turma de segundo ano do Ensino Fundamental, ministrando aulas para crianças da faixa etária de seis a oito anos de idade, contribuindo com o processo de alfabetização e letramento das mesmas. Ao longo do Curso de Pedagogia, que se somam oito anos, realizei diversas experiências na área da Educação, em Estágios com crianças da Educação Infantil, Anos Iniciais, alunos do Curso Normal e equipe de Gestão Educacional. Além disso, também ministrei oficinas lúdicas para crianças e palestrei para professores de municípios próximos da minha cidade.

Durante o período de um ano e meio, aproximadamente, sendo finalizado em 2010, tive a oportunidade de ser monitora no Laboratório de Ensino Brinquedoteca do Centro Universitário Univates. Dentre as várias funções desempenhadas, uma delas era acompanhar a visitação de escolas da região ao local, uma vez que espaço é voltado a crianças e adultos que apreciam a atividade lúdica como forma de prazer, interação e crescimento.

A Brinquedoteca da Univates atende públicos de diferentes cidades, variando entre crianças, jovens e adultos, além de ser explorada por acadêmicos e professores dos mais variados cursos oferecidos pela instituição. É um local

bastante amplo, possuindo 141,12 metros quadrados, que se localiza no prédio 9 do referido centro universitário, mais especificamente na sala 102. O funcionamento dela ocorre em turnos alternados, entre tarde e noite, sob orientação de uma professora coordenadora, funcionário e bolsistas dos cursos de graduação da UNIVATES. As visitas duram em torno de quarenta e cinco minutos e a comunidade frequenta o laboratório mediante uma taxa de R\$ 0,55, incluindo grupos de crianças, professores e visitas individuais. Grupos de alunos do Ensino Médio e pessoas ligadas à instituição são isentas.



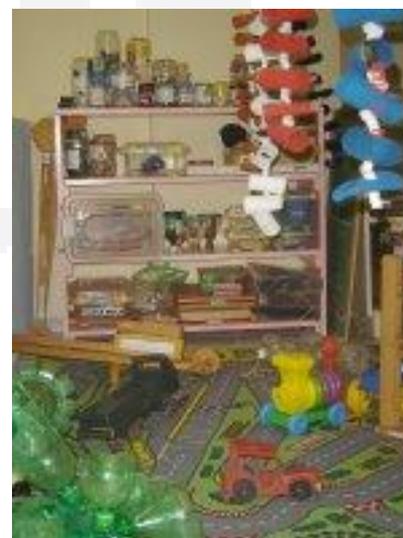
Canto da Floresta – Literatura Infantil



Canto das Fantasias



Canto das Fantasias



Canto dos Jogos Psicomotores

FONTE: <http://www.univates.br/servicos/brinquedoteca>

A Brinquedoteca da Univates é composta por diferentes espaços: um deles, a Casinha, que é subdividida em quarto, cozinha e banheiro. É um local repleto de utensílios domésticos, em miniaturas. Em outro espaço, que é denominado de

“Floresta”, encontram-se animais confeccionados em madeira, papelão e espuma, bem como há um tapete com livros de histórias. Existe também um espaço amplo, organizado por estantes, nas quais se encontram jogos e materiais relacionados às áreas do conhecimento, classificadas como: Estudos Sociais, Ciências, Linguagem e Matemática, tanto quanto da área do desenvolvimento motor.

Além disso, há o canto denominado “Surpresa” que apresenta uma característica ímpar, o de ser o único ambiente que se modifica de tempo em tempo: ora é a representação de um hospital, ora de um salão de beleza, ora um espaço sensorial, variando de acordo com as necessidades manifestadas pelos frequentadores desse Laboratório. Afora todos os ambientes mencionados, existe também um palco com duas araras (estrutura metálica onde são pendurados cabides) e se dispõem as mais variadas peças de roupas, de diversos tamanhos, cores e personagens.

Este espaço não chamava minha atenção antes de iniciar o acompanhamento das visitas. Não era meu espaço preferido, mas depois de algum tempo trabalhando no local, comecei a me intrigar sobre a questão do interesse que ele despertava, tanto em adultos, quanto em adolescentes e mais ainda nas crianças que o avistavam. Cada turma de alunos possuía um tempo de quarenta e cinco minutos, aproximadamente, destinado à exploração do ambiente. Em um primeiro momento, em geral, as crianças corriam pela sala, observando todos os materiais e espaços. Após, detinham-se, por mais tempo, no espaço destinado às fantasias. Neste contexto, passei a observar os comportamentos das crianças, que, para minha curiosidade, se transformavam de acordo com a fantasia que estavam vestindo.

Ao conversar com as professoras que acompanhavam as turmas ficava impressionada com seus comentários: “Nossa, na sala ele é tão quietinho, e aqui, com esta fantasia está se destacando!”. Meninos vestiam-se de mulheres, com vestidos compridos e perucas. E então as professoras comentavam: “Se teu pai te visse assim...” E eu apenas acompanhando, observando e guardando estas falas. A cada turma que monitorava, as observações iam aumentando, até que decidi por realizar meu Trabalho de Conclusão de Curso relacionado a esta temática, abordando a relação que a fantasia, como vestimenta, possui com a vida das crianças da faixa etária de cinco a oito anos de idade.

O estudo foi conduzido no campus de um centro universitário comunitário da cidade de Lajeado. Este está situado em um bairro denominado Universitário, na

referida cidade. Os mais de dez mil alunos são distribuídos em variados cursos, estando subdivididos em diferentes titulações, como bacharelados, licenciaturas, técnicos e pós-graduação.

Os sujeitos que observei foram quatro crianças, da faixa etária entre cinco a oito anos de idade, estudantes de escolas públicas da região. Entretanto, eu as observei no contexto de exploração do Laboratório de Ensino Brinquedoteca, quando estavam acompanhadas de seus professores titulares.

Usei a metodologia da pesquisa qualitativa, em que realizei observações de vivências e representações das crianças no momento em que estavam na Brinquedoteca. Anotei em Diário de Campo as percepções e sensações que eu, como pesquisadora, pontuei serem importantes para este trabalho. Através de recordações e observações realizadas, busquei atentar para detalhes revelados pelas crianças ao utilizarem o objeto de pesquisa deste estudo.

Os dados foram coletados de primeiro de abril, do ano de dois mil e nove a trinta de setembro, do ano de dois mil e dez, incluindo quatro crianças observadas durante quarenta e cinco minutos aproximadamente ou variando de acordo com o tempo em que elas estavam vestindo fantasias. As observações não foram gravadas, mas registradas em papel, que foram sustentadas e/ou comparadas com fundamentação teórica, abrangendo diversos autores, buscando responder a questão: O que motiva crianças de cinco a oito anos de idade a escolherem e a vestirem fantasias em suas brincadeiras?

O trabalho que objetiva identificar o motivo pelo qual as crianças possuem agrado por vestirem fantasias foi dividido em quatro cenários, sendo eles denominados de: cena 1, cena 2, cena 3 e cena 4. Neles foram retratadas as situações vivenciadas, bem como se buscou suporte nos pressupostos teóricos. Na sequência, explana-se a reflexão final, a qual chamarei de “Cenas Finais”.

1.2 Os bastidores

Como já mencionado, a pesquisa foi realizada obtendo como metodologia de trabalho uma abordagem qualitativa, uma vez que, como pesquisadora, coletei pessoalmente os dados por meio de observações do comportamento dos participantes quando estavam interagindo no local de estudo, ou seja, o Laboratório de Ensino Brinquedoteca.

Creswell (2010) define a pesquisa qualitativa como sendo baseada em suposições, e a teoria ou as hipóteses não são estabelecidas a priori. Os dados coletados em um estudo qualitativo são descritivos, ou seja, eles são relatados em palavras ou imagens, em vez de números, o que é característica da pesquisa quantitativa.

O mesmo autor afirma que “a ideia que está por trás da pesquisa qualitativa é a **seleção intencional**¹ dos participantes ou dos locais (ou dos documentos ou do material visual) que melhor ajudarão o pesquisador a entender o problema e a questão de pesquisa” (p. 212). Assim, as quatro crianças observadas foram selecionadas intencionalmente, por terem se destacado em suas falas.

Esta pesquisa tem como foco as percepções e as experiências dos participantes e a maneira como eles extraem sentido de suas vidas. Por isso, a tentativa não é entender uma, mas múltiplas realidades, concentrando-se no processo que está ocorrendo e também no produto ou resultado. Estou particularmente interessada em entender como as coisas acontecem nestes estudos qualitativos.

Creswell faz uma reflexão sobre o valor qualitativo que o pesquisador traz para o seu estudo:

o valor da pesquisa qualitativa está na descrição específica e nos temas desenvolvidos no *contexto* de um local específico. É mais a *particularidade* do que a *generalizabilidade* (Greene e Caracelli, 1997) que constitui a marca da pesquisa qualitativa. Entretanto, há algumas discussões na literatura qualitativa sobre a generalizabilidade, especialmente quando aplicada à pesquisa de estudo de caso em que o investigador estuda vários casos. (CRESWELL, 2010, p. 228)

As particularidades de cada caso são levadas em conta, ao invés de generalizar dados, por isso diz-se que a interpretação utilizada chama-se ideográfica. Além disso, a pesquisa qualitativa, de acordo com Creswell (2010) “é uma forma de investigação interpretativa em que os pesquisadores fazem uma interpretação do que enxergam, ouvem e entendem” (Creswell, 2010, p. 209).

A pesquisa qualitativa é caracterizada por ser um processo permanente, envolvendo reflexão contínua sobre os dados e escrevendo anotações durante todo o estudo. Ou seja, a análise é conduzida concomitantemente com a coleta de dados e a realização de interpretações. Para ser fidedigna ao estudo optei por utilizar a observação como instrumento de coleta de dados, em virtude de possibilitar um

¹ Grifo do autor.

contato pessoal e estreito com as crianças, podendo interagir com elas, através de diálogos que eram estabelecidos. Lüdke ainda nos fala sobre a observação direta e uma contribuição possível para a pesquisa:

A observação direta permite também que o observador chegue mais perto da “perspectiva dos sujeitos”, um importante alvo nas abordagens qualitativas. Na medida em que o observador acompanha *in loco* as experiências diárias dos sujeitos, pode tentar apreender a sua visão de mundo, isto é, o significado que eles atribuem à realidade que os cerca e às suas próprias ações. (LÜDKE, 1986, p. 26)

Concordando com o autor acima, Creswell (2010) afirma que conversar diretamente com as pessoas que são observadas é uma característica importante da pesquisa qualitativa, pois o pesquisador está tendo interações face a face com os sujeitos no decorrer das ações dos mesmos. Ainda complementando, ele diz que as observações em pesquisas deste cunho metodológico são aquelas em que o pesquisador faz as observações e anotações de suas impressões no próprio local de pesquisa. Nestas anotações, o pesquisador registra as informações de forma esquematizada para, com calma, posteriormente, sentar e redigir os dados coletados de forma mais estruturada e formal, como ocorreu, de fato em meu estudo.

Como observadora estive sempre próxima de crianças, conversando de uma maneira natural, sem que elas percebessem que as estava analisando. Por este motivo, Lüdke (1986) diz que meu papel de observadora caracteriza-se como participante total, por não revelar ao grupo minha verdadeira identidade de pesquisadora, nem o propósito do estudo.

Em relação ao tempo de duração das observações, Lüdke (1986) alerta que ele varia de acordo com o tipo de problema que está sendo estudado e do propósito do estudo. Um aspecto que deve ser levado em conta nessa decisão é que, quanto mais curto o período de observações, maior a probabilidade de conclusões apressadas, o que compromete a validade do estudo. Por outro lado, um longo período de permanência em campo, por si só não garante validade.

Classificando a pesquisa como qualitativa e utilizando o método da observação, faz-se necessário registrar que a pesquisa igualmente caracteriza-se como um estudo de caso. Para caracterizar um estudo de caso Creswell (2010) diz que este envolve uma descrição detalhada do local ou dos indivíduos e Lüdke (1986) acrescenta que ela também visa à descoberta, enfatiza a interpretação em contexto, busca retratar a realidade de forma completa.

O objeto estudado é descrito com riqueza de detalhes: tem todas as suas riquezas reveladas e é tratado como único, uma representação singular da realidade que é multidimensional e historicamente situada. Cada caso tem um valor intrínseco. Portanto, além do que foi pontuado acima, a pesquisa conta com um embasamento teórico, no qual diferentes autores contribuem sobre o tema.

Agora que o cenário, os atores e os bastidores já são conhecidos, convido você a visualizar cada uma das cenas e conhecer mais sobre este belo espetáculo que retrata a alegria que emana de espaços e de tempos, recheado de muita imaginação quando se veste cada fantasia que é escolhida nas araras de uma Brinquedoteca.

2 CENA 1... CLACKET... AÇÃO...

Há algumas semanas uma professora entrou em contato comigo por telefone fazendo o agendamento de uma visitação à Brinquedoteca para sua turma de alunos. Chegado o dia, estava eu, com o Laboratório organizado, esperando as crianças chegarem. O espaço físico em que o referido local se encontra é bastante silencioso, porém em um determinado momento o silêncio é eliminado e escuto conversas e certa agitação de crianças. Abro a porta e me deparo com cerca de vinte crianças se aproximando, acompanhadas de duas professoras. Todas as crianças expressavam em seus rostos alegria, ansiedade e curiosidade para entrar na Brinquedoteca, espaço este que Santos define como um local que faz a criança:

... renascer, lhes dá alegria, o brincar e os brinquedos estimulam sua fantasia, descobrem amigos, é um lugar cheio de histórias, música, desenhos, teatro. Se a doença é mais grave e a criança tem que permanecer acamada, os brinquedos são levados até ela. (SANTOS, 1997, p. 102)

Primeiramente fizemos um círculo e realizei as combinações sobre as regras do laboratório, ressaltando que os brinquedos que são retirados do lugar, precisam ser novamente guardados quando as crianças não desejam mais brincar com eles, bem como explicando que as peças dos jogos não devem ser misturadas, devendo cada jogo permanecer completo em sua caixa e orientando as crianças sobre a localização dos banheiros.

Assim sendo, o Referencial Curricular Nacional (1998) considera alguns aspectos sobre a importância de se delimitar regras e combinações com as crianças, tanto na sala de aula, quanto no pátio e demais ambientes em que elas frequentam.

O documento aborda que as regras, além de serem apresentadas de forma clara, transparentes e coerentes quanto às sanções, precisa-se dar oportunidade para que as crianças participem do estabelecimento das mesmas, pois são elas que serão diretamente afetadas.

Após as combinações, as crianças se dispersaram pelo ambiente, algumas explorando os jogos de linguagem e outras, a casinha. A preferência das crianças por este espaço ocorre, de acordo com Rodari (1982), em função de que é através da fantasia que a criança estabelece uma relação ativa com a realidade e é lá onde situações do cotidiano familiar podem ser vivenciadas. Neste sentido, diz ela:

A menina que brinca com suas bonecas e, enfim, com o seu riquíssimo enxoval, móveis, utensílios, pratinhos, xícaras, eletrodomésticos, casas e cidades em miniatura, reproduz, no jogo todo seu conhecimento da vida doméstica, exercita a manipulação dos objetos, compondo-os e recompondo-os, designando-lhes um espaço e um papel; mas ao mesmo tempo as bonecas lhe são úteis para dramatizar suas próprias relações, e eventualmente seus conflitos. Grita com a boneca usando as mesmas palavras gritadas pela mãe, para descarregar cada sentimento de culpa. Acaricia e afaga as bonecas para exprimir sua necessidade de afeto. Pode escolher uma delas para amar e odiar de modo especial, caso a boneca lembre o irmãozinho do qual tem ciúme. (RODARI, 1982, p. 92)

O exemplo dado pela autora relaciona-se muito bem à ideia de que a fantasia da criança está ligada com a realidade. É através de improvisações e criações, como no espaço da casinha, por exemplo, que as crianças externalizam seus pensamentos, nos quais as reconstruções são possíveis.

Outras crianças exploraram as fantasias. É importante lembrar que as crianças estão cercadas por muitos atrativos: visuais, auditivos ou sensoriais. Assim, vídeo games, televisão, computadores e *ipods* fazem parte do seu cotidiano como se fossem objetos necessários para a vida humana. Muitos personagens influenciam e marcam a vida das crianças, sejam super heróis, vilões, entre outras figuras que podem muito bem ser enumeradas pelas crianças.

Cada personagem, seja ele animado, virtual, computadorizado ou humano, possui ligação estreita com algo determinado, como representação do bem ou do mal, do belo ou do feio. As características físicas, a personalidade e o estilo de vida chamam muito a atenção das crianças, que por algum motivo gostam ou não dos personagens. Quando demonstram concordar com as atitudes desse personagem, geralmente, idolatram-no como um modelo a ser seguido, parecem dominadas pelo objeto, pois costumam “incorporá-lo” fortemente.

Nestas situações a criança vivencia uma fantasia, ou seja, de fato, por algum

instante, ela acredita ser o personagem no mundo real. Assim, ela é a protagonista em suas brincadeiras atuando conforme o personagem agiria. Neste contexto, de acordo com Rodari (1982, p.21), “isto está intrinsecamente ligado ao fato de que a imaginação não é uma faculdade qualquer, separada da mente: é a própria mente, na sua interação, a qual, solicitada por uma atividade mais que por outra, serve-se sempre dos mesmos procedimentos”.

Alguns minutos mais e a maioria da turma encontrava-se no palco, vestindo-se com as mais variadas fantasias. É preciso deixar que as crianças vistam-se com diferentes peças de roupas, pois, de acordo com o mesmo autor “o que mais interessa para o desenvolvimento infantil é a conexão emocional que a criança faz entre a fantasia e a maneira pela qual a trabalha, por meio da brincadeira e da imaginação, dentro de sua vida emocional” (JONES, 2004, p. 61). Ao vestir uma fantasia a criança transforma sua expressão facial e corporal, adequando-se à forma como tal personagem comporta-se e age. A criança entra no mundo do faz-de-conta.

Segundo Jones (2004), as crianças reorganizam o mundo em que vivem de forma que possam fazer parte e interagir com ele, através das fantasias, da imaginação e das brincadeiras. Também é por meio deste faz-de-conta que exploram seus sentimentos e emoções.

A fantasia exerce na criança uma força emocional e a mesma a atrai, porém, quando as crianças não se conectam emocionalmente a uma fantasia, logo a deixam de lado. Nasio (1993) diz que a “fantasia é composta, essencialmente, de quatro elementos: um sujeito, um objeto, um significante e imagens” (p. 128). Quando o sujeito, que neste caso está representado pela criança, não vê significado ou interesse no objeto, aqui representado pela fantasia, ele deixa a mesma de lado, buscando outros objetos que produzem sentido para o sujeito.

As professoras sentadas nas cadeirinhas observavam-nas. Em certo momento um menino vestiu um maiô na cor azul marinho, bordado com lantejoulas na cor vermelha. A peça de roupa quase não serviu nele, ficou bem justo. Ele olhou-se no espelho... Este é um momento importante, como vem referendado no Referencial Curricular (1998, p. 33) que instiga pensar sobre a constituição da identidade das crianças: “é um importante instrumento para a construção da identidade. Por meio das brincadeiras que faz em frente a ele, a criança começa a reconhecer sua imagem”.

O menino sorriu e começou a cantar a música “Vai lacraia” e dançou de uma

forma idêntica à personagem Lacreia, fato muito divulgado na mídia no período em que se fizeram as observações. Assim permaneceu vestido, cantando e dançando a música, olhando-se no espelho e demonstrando felicidade. Alguns colegas olhavam para ele e riam. Neste caso, a vestimenta usada pela criança relacionava-se à fantasia de um personagem de televisão. Também é muito comum presenciar crianças vestidas com peças de roupas, acessórios e calçados de seus pais.

Jones (2004) diz que “a necessidade da criança de imitar o adulto não é uma invenção, não é uma exigência indevida: faz parte da sua vontade de crescer” (Jones, 2004, p. 91). Também vale ressaltar que, além de fazer parte da sua vontade de crescer, serve de treino para a construção e reorganização da realidade em sua mente, uma etapa importante no processo de separar a realidade da fantasia.

Chamou minha atenção o fato de o menino ter avistado um maiô com lantejoulas, ter vestido ele e ter lembrado uma personagem artística que hoje já não está mais entre nós. Ele fez uma associação entre roupa e personagem e ao vesti-la, comportou-se exatamente como a mesma. O Referencial Curricular (1998) pontua que

meninos e meninas poderão se fantasiar, assumir papéis, brincar de ser pessoas diferentes, e olhar-se, experimentando todas essas possibilidades. Nesse sentido, a maquiagem (que as crianças podem utilizar sozinhas ou auxiliadas pelo professor), fantasias diversas, roupas, sapatos e acessórios que os adultos não usam mais, bijuterias, são ótimos materiais para o fazer-de-conta (...) a criança consegue perceber que sua imagem muda, sem que modifique a sua pessoa. (REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL, 1998, p. 38-39)

É explorando, entrando em contato e vivenciando diferentes situações lúdicas, como as fantasias, que a criança vai estabelecendo relações em torno do mundo e do cotidiano em que ela está inserida, desconstruindo alguns conceitos e afirmando outros. Pré-concepções antecipadas e pouco fundamentadas por professores ou monitores que estejam observando, podem tolher a capacidade imaginativa das crianças, levando-os e aos seus colegas a focarem e referirem-se a comentários ou julgamentos descabidos para um momento tão lúdico e saudável como o momento vivido por este menino.

Uma roupa, uma cor, uma brincadeira: isto poderá ser mais importante que um trabalho com uma caixa de lápis. O professor também deverá se deixar levar pelos momentos lúdicos que as crianças estiverem experimentando e ver nesse desprendimento o quanto a imaginação se solta em fantasias e o quão longe poderá levar.

3 CENA 2... CLACKET... AÇÃO...

Em uma tarde quente, com agendamento prévio, duas professoras trouxeram uma turma com crianças de 6 anos de idade para visitar a Brinquedoteca da Univates e as acompanhei. Logo na entrada, os olhinhos das crianças brilhavam e elas estavam bastante entusiasmadas para conhecer o espaço. Como de costume, conversamos sobre as regras do laboratório. E todos foram brincar. Em torno desta ação, o Referencial Curricular Nacional (1998) aborda que

Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. O fato de a criança, desde muito cedo, poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde representar determinado papel na brincadeira faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação e da utilização e experimentação de regras e papéis sociais. (REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL, 1998, p. 22)

A criança 'entrega-se' à fantasia de corpo e alma, pois desde bebê ela está presente em sua vida, principalmente nas canções em que as mães costumam cantar. Ouvir, imaginar, repetir, mais que lições para aumentar o vocabulário, ainda tão restrito, se põe a dar ritmo e emoção ao aprendizado de um hábito tão primário: alimentar-se. Rodari (1982, p.82) lembra uma música que era cantada pelas mães no momento das refeições, referindo-se às colheradas:

Uma pra mamãe
Uma pro papai
Uma pra vovó
Que está em Santhià,
Uma para a tia
Que está na França

E foi assim que o menino
Ficou ruim da pança.

As colheradas levaram a falar na família, lugares e sentimentos. Também as roupas vestem emoções e personagens para as crianças.

Muitas meninas foram até o palco das fantasias e vestiram-se com muitas roupas. Usavam um vestido, davam uma volta no palco e trocavam, assim passaram a maior parte do tempo. Diferenciados figurinos eram compostos e com eles, diversas expressões eram produzidas pelas crianças.

Gouvêa² afirma que a fantasia é por excelência o modo pelo qual a criança cria e modifica a sua realidade. Para uma criança, fantasiar é criar um espaço dentro de si próprio onde os encontros impossíveis acontecem. Através do uso da fantasia de uma forma focalizada no presente, a criança pode brincar de ser isto ou aquilo, que pensa ou diz sobre ela, de forma a se apropriar conscientemente e escolher novas condutas, atualizando-se em relação às suas próprias necessidades.



FONTE: <http://diganaoerotizacaoinfantil.wordpress.com/2008/10/22/fantasia-para-a-crianca-e-perigoso/>

Após muitas trocas, uma menina vestiu uma fantasia de flor composta por chapéu e saia na cor rosa com folhas verdes. Desceu do palco, foi até o tapete que existia no laboratório, organizou algumas almofadas próximas a seus pés, permaneceu em pé e falou: “Eu sou uma flor e vou ficar plantada aqui!” Até então a fala não me foi surpresa. Permaneci caminhando no ambiente como sempre fazia e após alguns minutos, quando retornei ao local em que a menina estava brincando, me surpreendo com ela, no mesmo lugar de antes, imóvel, exatamente como uma flor. A esta atitude que a menina teve, Reverbel (1993) diz que

² <http://www.gestalttemfigura.com.br/gtcriancas.htm> Graça Gouvêa “Fantasia, Criatividade e Saúde.

Encarnar uma personagem é um trabalho complexo do ator, ao mesmo tempo consciente e inconsciente. Não basta compreendê-la, mas é necessário também roubar sua alma, “animá-la”. Isso significa que o ator se identificará completamente com sua personagem, sentirá mesmo todas as suas emoções durante o tempo que a interpretar no palco. (REVERBEL, 1993, p. 83)

A autora aborda em seus estudos uma ação dramática pré-criada, desenvolvida de forma ensaiada por atores profissionais, a qual podemos aqui contrapor com o papel da criança, um ser imprevisível, que não vive uma realidade pré-determinada ou combinada. Apenas realiza ações que sente vontade. Neste contexto mais voltado ao Teatro, a autora diz que “os momentos nos quais o ator esquece totalmente sua personalidade em proveito de sua personagem são raríssimos e de curta duração” (Reverbel, 1993, p. 83), diferentemente da representação da criança quando está fantasiada, que permanece, por um longo tempo esquecida de sua personalidade, comportando-se e entregando-se completamente à personagem que está caracterizada.

Sobre esta entrega, Souza³ (2011) diz que um aspecto fundamental para o desenvolvimento infantil é a conexão emocional que a criança pode fazer entre a fantasia e a maneira pela qual explora essas roupas, através da brincadeira e da imaginação dentro da sua vida emocional.

Concordando com Souza (2011), Reverbel aborda a expressão ‘jogos dramáticos’ e afirma que o jogo dramático é um

estímulo indispensável ao desenvolvimento das capacidades de expressão da criança. Realizando jogos dramáticos, a criança se diverte e libera espontaneamente suas fantasias e seus fantasmas interiores. Ao contrário do ator, que finge ser a personagem, a criança é a personagem que inventa ou imita. (REVERBEL, 1997, p. 108)

Sobre esses jogos, ela continua afirmando que é através deles que as crianças exteriorizam seus sentimentos e suas observações pessoais, pelo exercício do movimento e da voz. Eles objetivam, não somente a diversão da criança, mas levam-nas à liberação, ao equilíbrio e ao enriquecimento pessoal pela atividade. Ela deixa

³ <http://crecheladybug.blogspot.com/2011/03/porque-as-criancas-precisam-de-fantasia.html> “Por que as crianças precisam de fantasia, videogames e violência de faz-de-conta?” Adelaide Rezende de Souza (Professora da Universidade Estácio de Sá (graduação e pós-graduação), psicóloga (UFPA), especializada em saúde mental e desenvolvimento infantil e do adolescente (SCMRJ), com mestrado em psicologia e teoria do comportamento UFPA), pesquisadora do ILTC, Psicóloga da Creche Ladybug e consultora de creches. Ministra cursos na área da infância e do brincar, coordenadora do projeto Brinquedoteca - estudo, pesquisa, arte, educação e cultura. Atualmente, coordena oficinas de atividades lúdicas em oito escolas da rede municipal do Rio de Janeiro parte integrante do projeto segundo turno cultural da Secretaria de Cultura do Município do Rio de Janeiro.) 15 de março de 2011.

claro que o jogo dramático é muito importante no desenvolvimento e na expressão da personalidade do aluno e destaca a improvisação como a base deste jogo. Assim, a criança, ao entrar em contato com as fantasias, está expressando suas particularidades em um local onde nada é combinado, mas improvisado. Ela cria seus movimentos e suas expressões conforme o que está pensando naquele determinado momento e não como algo já estabelecido anteriormente, não como um momento formalizado, como Reverbel relata:

O trabalho de interpretação exige que o ator seja sensível, emotivo e racional ao mesmo tempo, observador, perceptivo, imaginativo, enfim, que apele para todas as suas capacidades intelectuais, que podem, através de exercícios, ser desenvolvidas. (REVERBEL, 1993, p. 82)

Foi então, nesse momento, que fiquei a pensar sobre o efeito que uma fantasia tem no comportamento de uma criança. O Referencial Curricular Nacional afirma que

No faz-de-conta, as crianças aprendem a agir em função da imagem de uma pessoa, de uma personagem, de um objeto e de situações que não estão imediatamente presentes e perceptíveis para elas no momento e que evocam emoções, sentimentos e significados vivenciados em outras circunstâncias. Brincar funciona como um cenário no qual as crianças tornam-se capazes não só de imitar a vida como também de transformá-la. Os heróis, por exemplo, lutam contra seus inimigos, mas também podem ter filhos, cozinhar e ir ao circo. (REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL, 1998, p. 22)

Os heróis retratados na mídia fazem parte do cotidiano das crianças e as atraem com muita facilidade. Navegando pela internet acessei um site de notícias do Rio de Janeiro, intitulado R7, no qual li uma reportagem escrita por Lazanha⁴, em dezoito de fevereiro do ano de dois mil e onze, intitulada “Roupa do Bope vira fantasia mais procurada para crianças no Rio”. Ele segue escrevendo que o ano de 2010, no Estado do Rio de Janeiro, foi marcado pelo sucesso das ações policiais e pelo filme *Tropa de Elite 2*. O sucesso se reflete no Carnaval 2011 carioca, já que foi a fantasia mais procurada e com maior saída das lojas.

⁴ <http://noticias.r7.com/carnaval-2011/ultimas-noticias/rio-de-janeiro/roupa-do-bope-vira-fantasia-mais-procurada-para-criancas-no-rio-20110218.html> Reportagem “Roupa do Bope vira fantasia mais procurada para crianças no Rio” escrita por João Pedro Lazanha, em 18/02/2011



FONTE: <http://noticias.r7.com/carnaval-2011/ultimas-noticias/rio-de-janeiro/roupa-do-bope-vira-fantasia-mais-procurada-para-criancas-no-rio-20110218.html>

Para o comandante do Bope, o tenente-coronel Wilman Renê, este grande número de vendas de fantasias inspiradas na tropa é motivo de satisfação. “Para nós do Bope, é claro que é um motivo de orgulho. Sinal que estamos realizando nosso trabalho de forma correta e que os cidadãos, principalmente as crianças, nos vejam como super-heróis modernos que visam dar segurança para vida deles” (idem).

É pensando na reportagem escrita sobre as fantasias de policiais que Jones (2004, p.51), ao relatar um episódio relacionando armas, diz que a atração da criança por “armas de brinquedo tinha obviamente mais a ver com o fato de lhe serem proibidas, do que com os revólveres de mentira em si”.

As armas, no universo infantil, ajudam as crianças a se sentirem mais fortes, pois de fato, o que veem na televisão é sempre a ideia de que a pessoa que está de posse da arma é a poderosa, a que intimida as outras pessoas. Para os meninos esta realidade está muito forte. E para as meninas esta representação, não em torno de armas, mas de varinhas de condão, fantasiando fadas que possuem este objeto como mágico e supremo, como um talismã. A este talismã, o termo ‘onipotência do pensamento’ criado por Freud explica que:

todos nós sabemos que, em nossas fantasias, tudo é possível: às vezes, em nossos devaneios, somos amigos do rei, ou o próprio rei, somos imortais, belíssimos, etc. Basta querer e as coisas acontecem; uma imagem disto é a idéia da boa fada, com sua varinha de condão, que torna instantaneamente reais nossos desejos mais profundos. (Fonte: <http://www.cefetsp.br/edu/eso/filosofia/identidadeidentificacao.html>)

Quando as meninas estão segurando uma varinha de condão, incorporam atitudes de dominação, sentindo-se capazes de fazer magias e de transformar o que desejarem. Jones (2004) completa a ideia dizendo que

Os personagens usam varinha de condão para derrotar seus inimigos e se defender (fazendo com que sejam muito mais aceitáveis aos pais sensíveis

a armas), mas, na maior parte das vezes, as varinhas funcionam exatamente da mesma maneira como as armas, nas fantasias infantis (...). (JONES, 2004, p. 53)

Alguns personagens ligados ao cotidiano das crianças possuem acessórios que juntam-se às fantasias e estes adereços chamam muito a atenção das crianças, que com frequência querem tê-los também. Estes objetos muitas vezes são espadas e armas, no caso dos meninos, e varinhas de condão, no caso das meninas. A este respeito, Jones (2004) continua dizendo que:

Algumas gostam de armas, outras preferem varinhas de condão, outras gostam de personagens cujos poderes explosivos emanam de suas mãos, mas a função de qualquer uma dessas coisas, dentro das histórias infantis, é sempre idêntica. (JONES, 2004, p. 53)

Retomando os dados da reportagem de Lanza (2011), segundo, aproximadamente, 15 comerciantes de loja de fantasias, a fantasia do Bope foi a mais comercializada, porém existem outras com grande procura. Entre os meninos, as mais procuradas são a do Bope, Buzz Lightyear (personagem do filme *Toy Story*), Homem-Aranha, Ben 10 e os tradicionalíssimos Batman e Super-Homem. Para as meninas a mais vendida é da Mulher Maravilha, porém a fantasia inspirada no Bope também está tendo grande saída. As fantasias de Barbie e Penélope Chamosa sempre fizeram muito sucesso e neste ano não tem sido diferente.

O comércio cria diferentes objetos e trabalha com o fascínio que as crianças têm pelos personagens de televisão como forma de visar lucros. A mercantilização das fantasias como vestimentas está muito presente nas lojas de todas as cidades, estando elas, muitas vezes localizadas nas vitrines destes estabelecimentos, de forma muito visível e atrativas aos olhos das crianças e, inclusive dos adultos, que também se fascinam em olhar para estes objetos que possuem frequentemente muitos detalhes e acessórios bonitos.

A fim de pesquisar sobre esta influência da mercantilização na vida humana, encontrei o site <http://papodecamarim.com/?p=5627>, em que estava retratada, através de fotos e depoimentos à Loja da Barbie, localizada na cidade de Buenos Aires, Argentina. Não posso negar minha fascinação ao visualizar as imagens que lá encontrei. De fato as fotografias são “*um sonho*”, como a produtora (Paulinha Medeiros) do site descreve. A produtora do site (blog) é casada e formada em Administração de Empresas e Marketing. Registro aqui algumas imagens contidas no site:

Entrada da Loja



Comentário da Paulinha Medeiros sobre a Loja: *É muito linda! Funciona como se fosse a casa da Barbie: Tem lanchonete com comidinhas da Barbie, salão de beleza com tudo da Barbie, sala de estar, provadores no estilo “princesa”, salinha de brinquedos, enfim... um mini paraíso para as meninas/moças/mamães e, como a própria vendedora da loja falou: Qualquer menina do mundo inteiro, pois todas são loucas pela Barbie!*

Sala de espera e provadores



Salão de beleza: unha, cabelo e maquiagem.



Observamos a presença de adultos.

Espaço para brincar com os brinquedos da Barbie.



Neste espaço a criança escolhe uma fantasia da Barbie e pode brincar com toda a coleção de brinquedos que a loja dispõe. *Imagina o berreiro da menina quando a mãe chama para ir embora???* – Comentário da autora do site.



Observamos uma menina sentada no chão, fantasiada.

Lanchonete da Barbie com comidas personalizadas.



Ao finalizar as imagens, Paulinha Medeiros faz um questionamento: *‘Não é tudo lindo?’* e informa que a Loja da Barbie está localizada no Shopping Unicenter, na Zona Norte de Buenos Aires. E após seguem vinte comentários, tais como:

livia disse: [21 de julho de 2011 às 14:37](#) amo tudo da barbie sou apaixonada pela barbie.

beatriz disse: [10 de abril de 2011 às 16:56](#) eu sou locaaaaaa pela barbie e eu já fuiiiii nessa loja éeeeeee muitoooooooooooooo legal eu compreiii um perfume da barbie 12 barbies e 4 fantasiaas.

caroline schneider disse: [9 de abril de 2011 às 10:17](#) sou louca pela barbie gostaria muito de ir a essa loja mas ja que não tenho muito dinheiro não sou rica não vou mas gostaria, bem a loja da barbie é o sonho de todas as meninas do mundo bem a maioria... bjs... super bjs

Laura disse: [16 de março de 2011 às 19:47](#) barbie sou sua maior fã eu tenho 6 anos e tenho 28 barbies moro em belo Horizonte meu é Laura eu estive em Buenos Aires em Janeiro e ameiiiiii loja da Barbie, minha mãe comprou várias coisas da Barbie.

Uyara Vasconcelos disse: [2 de março de 2011 às 19:25](#) não vou mentir, eu moraria nessa loja e seria muito feliz!!

Vyrna disse: [1 de março de 2011 às 10:59](#) A primeira loja da Barbie está localizada em Palermo. Inclusive na frente há um fusca da Barbie estacionado. Vale a pena a visita! É linda a loja... Já fui nas duas. Mas, a "original", por não ser em um shopping, é bem mais interessante!
<http://www.barbie-stores.com/>

Infelizmente não temos as idades de todas as pessoas que fizeram estes comentários, mas poderíamos pensar que existem pessoas adultas que postaram suas ideias. É muito nítida nestes registros a forte presença da personagem Barbie na vida destas pessoas, bem como o fascínio que demonstraram possuir pelas imagens publicadas no blog (que foi realizado em vinte e sete de fevereiro do ano de dois mil e onze) e pelas repartições da Loja, que inclui um espaço para o tema abordado nesta pesquisa: as fantasias. Incluindo aqui a mercantilização delas. Sobre o consumo, Costa diz que ele é

o centro organizador da ordem social, política, econômica e cultural do presente, e todos nós somos educados para e por ele. Na sociedade de consumidores somos constantemente ensinados, segundo os moldes da melhor pedagogia do exercício e do exemplo, a formatar nossas ações rigorosamente dentro de preceitos e táticas que fomentam a realização dos desígnios dessa sociedade. As crianças de hoje nascem dentro da cultura consumista e crescem modelando-se segundo seus padrões e suas normas. (COSTA, 2009, p. 35-36)

Ainda sobre a mercantilização das fantasias vale lembrar o papel da mídia que atua com forte influência no dia a dia das crianças, controlando suas fantasias e dando preço à imaginação. Tomemos o caso da personagem acima descrita: a Barbie. Costa (2009) traz em seus escritos o termo “mídias sem limite”, descrevendo estar deparada com uma “assustadora invasão do cenário escolar pelos apelos midiáticos ao consumo” (Costa, 2009, p. 27). Afirma ela:

Meninas pobres são induzidas a desejar uma boneca com a qual sequer sabem brincar, tal a distância entre os traços culturais que esta carrega e o universo cotidiano de crianças brasileiras que habitam as superpovoadas periferias urbanas. O repertório de experiências de algumas dessas garotas está tão distante da vida glamorosa e feitichizada da Barbie, por exemplo, que em poucos minutos, segundo relatos de professoras, esgotam-se as possibilidades imaginativas, e as meninas deixam a boneca de lado, retornando às suas brincadeiras improvisadas povoadas por bebês, comidinhas, casinhas e conversas de comadres, em versões contemporâneas, é claro. Mesmo assim, quando uma Barbie chega à escola trazida por uma ou outra garota que a herdou do descarte da filha da patroa de sua mãe, ela é objeto de disputa acirrada, aguçando a curiosidade e reafirmando o fascínio. (COSTA, 2009, p. 27-28)

Esta imagem difundida pela televisão atua sobre o comportamento, gostos e preferências das crianças, independente da classe social a que pertencem, de forma que, muitas vezes, sem possuírem um espírito crítico formado, também acreditem poder ser como a Barbie, possuindo uma casa com piscina, um carro, lanchonete, trailer e outros objetos. Pode-se visualizar esta gama de sugestões, a partir de um clique na internet, pelas palavras ‘Brinquedos da Barbie’ que estaremos diante de uma diversidade de imagens.

A mídia é como se fosse uma comparação com a teoria, pois é através dela que os sujeitos, e aqui citadas as crianças, agem. E este sujeito, de acordo com Nasio (1993), desaparece atrás do objeto. Ou seja, o objeto mostrado pela mídia é tão importante e produz tanto efeito para a criança que ela fica em segundo plano, sendo o objeto mais importante que sua constituição como pessoa. Este controle midiático é muito poderoso.

É nesta protagonização da criança que nós, adultos, devemos estar atentos, pois ela pode ter resultados negativos em relação às atitudes que a criança tem em suas brincadeiras. Ela acredita ser, realmente, o personagem e por isso, noções de tempo e espaço podem ser esquecidos por ela, uma vez que, para Rodari (1982, p.27) “no interior daquela hipótese tudo se torna lógico e humano, carregado de

significados abertos a diversas interpretações, um símbolo que vive de sua autonomia e que se adapta a muitas realidades.”

Ao observar a realidade das crianças, sempre envolvidas com brinquedos das mais diversas cores, formas e utilidades, fico a pensar sobre uma flor. A flor é um objeto da natureza tão belo, tão colorido e cheiroso, mas ao mesmo tempo é algo inerte, sem movimento. Inseridas em um contexto onde o consumismo move e influencia as vidas, a flor foi lembrada, mesmo sendo símbolo de algo parado, ou seja, a menina fantasiou-se de flor, dentre tantas opções que eram oferecidas, representando ‘uma parada’ e não o corre-corre que agita nossas vidas.

Para fechar esta cena, acredito que a contribuição e a forte influência da mídia e de personagens como a Barbie, que provocam grande fascínio na vida das crianças e acabam seduzindo ao consumismo se torna inevitável. As pessoas simplesmente são ‘levadas’ por ele sem mesmo perceberem. Nesta realidade, em que as pessoas possuem atitudes automáticas, esquecemos o valor que uma flor pode ter para uma criança.

4 CENA 3... CLACKET... AÇÃO...

Também em uma tarde, muito ensolarada, uma turma de doze alunos foi visitar a Brinquedoteca. Como de costume, a maioria concentrou-se no espaço destinado às fantasias. Eram roupas espalhadas pelo chão, plumas voando pelo laboratório e crianças sorridentes. Eu permanecia observando.

Estudos revelam ser importante a organização de um espaço no cotidiano da Educação Infantil denominado “O canto da fantasia” e nele, estarem vestidos, chapéus, casacos, calças, acessórios, enfim... seletas peças de vestuário para a exploração das crianças. Nos momentos da brincadeira, não raro, este é o canto preferido das crianças, bem como o espaço preferido por elas quando visitam a Brinquedoteca da Univates, que é um ambiente amplo, composto por, aproximadamente, sete cantos. Em relação a estes espaços, Barbosa (2006) afirma que:

as pedagogias para a primeira infância têm na organização do ambiente uma parte constitutiva e irrenunciável de seu projeto educacional. A organização do ambiente traduz uma maneira de compreender a infância, de entender seu desenvolvimento e o papel da educação e do educador. As diferentes formas de organizar o ambiente para o desenvolvimento de atividades de cuidado e educação das crianças pequenas traduzem os objetivos, as concepções e as diretrizes que os adultos possuem com relação ao futuro das novas gerações e às suas ideias pedagógicas. Pensar no cenário onde as experiências físicas, sensoriais e relacionais acontecem é um importante ato para a construção de uma pedagogia da educação infantil. Refletir sobre a luz, a sombra, as cores, os materiais, o olfato, o sono e a temperatura é projetar um ambiente, interno e externo, que favoreça as relações entre as crianças, as crianças e os adultos e as crianças e a construção das estruturas de conhecimento. (BARBOSA, 2006, p. 122)

Estando um ambiente bem organizado, estruturado com limitações bem definidas, como estantes identificadas, por exemplo, mais estes desafiarão e auxiliarão no desenvolvimento da autonomia das crianças, bem como contribuirão para a formação de aspectos cognitivos e motores delas. Para que este espaço seja agradável e prazeroso para as crianças, Barbosa (2006) sugere que é relevante observar, no momento da construção do mesmo, a riqueza de possibilidades motoras, sensoriais e aquisitivas de conhecimento que ele oportunizará, adequando-o às medidas das crianças, como forma de integrá-las ao espaço cultural circundante, lembrando de modificar este local ao longo do ano.

Modificando os “cantos” permitimos que a criança atue em um novo contexto, onde irão surgir novas respostas, novas alternativas e novas revelações. O espaço novo cria novas experiências, novos movimentos e novas ações. É com este propósito, de novas descobertas que a Brinquedoteca da Univates organiza-se em “Cantos” e os modifica com o passar do ano, de acordo com as necessidades trazidas pelas crianças e sentidas pelos funcionários do laboratório.

A autora reafirma que “a disponibilidade de ambientes variados e a variação dentro de um mesmo ambiente, ampliam o universo cultural e conceitual das crianças” (Barbosa, 2006, p. 135). É fundamental mencionar que o espaço físico é o lugar de desenvolvimento de muitas habilidades e sensações e, a partir da sua riqueza e diversidade, ele desafia aqueles que o exploram.

Retornando às minhas leituras em torno das fantasias, estava folheando a revista Crescer quando me deparei com a reportagem “Vestir fantasias faz parte do mundo infantil”. Ao ler a reportagem encontrei a expressão ‘jogo simbólico’ que chamou minha atenção. Continuei a leitura. Em um parágrafo a expressão foi definida como uma etapa especial do crescimento das crianças, em que onde vestir fantasias e incorporar personagens é muito comum, porque auxiliam no desenvolvimento da imaginação e da expressão emocional, ajudando na resolução de conflitos internos e externos das crianças.



Reverbel (1997) aborda os jogos simbólicos dando a mesma ênfase, mas com uma nomenclatura diferente: Jogos Dramáticos. Conta ela que:

Em nossa experiência de longos anos com jogos dramáticos, constatamos mudanças sensíveis nas crianças que os praticam. Lembramos aqui um menino de 7 anos que, em todo o jogo proposto, só aceitava papéis estáticos. Se havia no enredo uma pedra, uma árvore, uma porta, lá estava ele com a mãozinha levantada. “A pedra sou eu!” Interrogado sobre o fato de nunca aceitar papéis com movimento ou falas, respondia: “Eu quero ficar parado. (REVERBEL, 1997, p. 112-113)

Tanto meninos, quanto meninas vestiam-se, desfilavam pelo laboratório, trocavam de roupa, tiravam fotos e assim exploravam o ambiente. É importante lembrar que em todas as culturas, as crianças desenvolvem algum tipo de fantasia. Rodari (1982) ressalta o prazer que as crianças têm em compreender a realidade utilizando fantasias. Vestindo roupas diversificadas para atuar no mundo real é muito mais divertido a vestir as roupas cotidianas de criança.

Em certo momento um menino veste-se de anjo cupido, com asas, vestido branco, chapéu na cabeça e um sapato colorido de salto. Após vestir-se ele caminha pela sala, conversa com colegas e fala que é o anjo cupido. Pede para que as suas professoras olhem e tirem fotos. Quando o menino se afasta das professoras, elas comentam comigo: “Em sala de aula este menino é tão tímido, o mais tímido da classe e aqui ele está se revelando, é o que mais se destaca, chamando a atenção de todas as crianças.”

A partir deste fato é que mais uma vez fiquei refletindo sobre o “poder” que uma fantasia tem de mudar a personalidade das crianças. Ou seja, do menino mais tímido da sala de aula, passou a ser quem mais se destacava entre os colegas, quando vestiu uma fantasia. É neste contexto que surge a palavra ‘medo’, que suposta e intrinsecamente pode estar relacionado ao fato mencionado pelas professoras, pois ele é a mola propulsora do desejo de brincar e de extravasar. Com esse mundo “de mentirinha” que a fantasia exprime, tudo é, ao mesmo tempo, possível e impossível.

Nasio (1993) diz que “do ponto de vista psicanalítico, somos, na fantasia, aquilo que perdemos” (p. 129). E eu diria mais, somos também aquilo que nos foi podado em certa parte da infância, seja pelos pais ou pelos professores.

Para as crianças, as fantasias permitem que elas brinquem com as realidades que mais gostem, que mais as assustem e com as que tenham poder sobre elas. Sobre este aspecto, Jones (2004) afirma que “suas fantasias mais potentes não são

nada doces nem razoáveis, porque, mesmo sendo pequenos, entendem que as realidades fundamentais do mundo são amargas e irracionais” (JONES, 2004, p. 65).

E é sobre esta relação que as fantasias possuem com os medos e com as realidades não desejadas, que quando brincam, pintando e se fantasiando as crianças convivem com os personagens que lhes provocam medo, habitua-se a eles, os olha, os toca e os ‘esmaga’. Muitas vezes as crianças demonstram gostar de assustar-se e brincar com o medo. Isso ocorre quando vestem fantasias de bruxas, fantasmas e monstros, por exemplo, recriando as cenas que lhes causam temor. Outras vezes fazem de conta que são mágicos, reis ou princesas que podem modificar ou até mesmo matar os personagens que lhes ocasionam medo. ‘Entrar’ neste cenário aterrorizante pode ser um encontro prazeroso para a criança, pois ela tanto pode entrar e sair quando quiser decidir, quanto também estar sob o controle da situação.

Quando não estão fantasiadas, as crianças também combatem estes medos apenas com a imaginação, utilizando nestes casos recursos muito criativos, como por exemplo, solicitam um beijo e um abraço de adultos que estão perto dela, pedem para deixar a luz acesa e pedem para que continuem falando com ela enquanto adormece, como se estes fatores fossem varinhas de condão. Quando estas situações ocorrem, os pais não devem enfrentar esses medos com explicações inteligentes e racionais. Pelo contrário: devem enfrentar a fantasia da criança com outra fantasia mais potente e efetiva.

Nasio (1993, p. 129) diz que “a dinâmica da transferência é a dinâmica da fantasia.” Neste sentido podemos afirmar que é através da posse de fantasias que as crianças transferem aspectos relevantes e característicos das vidas delas, demonstrando suas compreensões, seus medos, suas potencialidades e outros aspectos que podem ser enumerados quando observamos momentos em que as crianças estão brincando com elas.

O mesmo autor ainda fala que estas vestimentas afetam, ou seja, revelam emoções e tensões que atravessam os personagens, completando a ideia de que muitas vezes as fantasias auxiliam e revelam aspectos positivos e potenciais das crianças, mas também, algumas vezes explicitam momentos tencionais delas, como é o caso de suas limitações e de seus medos.

É interessante acrescentar que para pré-adolescentes e adolescentes, as

fantasias são bem menos fortes do que as que fazem parte da vida de crianças pequenas, uma vez que eles já não estão mais fazendo a construção do mundo real, pois nesta fase a realidade já está organizada.

Ao fechar as cortinas desta cena percebo o quanto a exploração de fantasias pelas crianças é algo que deve ser oportunizado, pois podemos compreender, através das vestimentas, muitas particularidades das crianças que algumas vezes não são exteriorizadas na relação do dia-a-dia. Pensando na ideia de que a vestimenta é uma transferência e um 'experimentar' da criança, ela nos permite um conhecimento mais amplo e aprofundado em relação a opiniões, pontos de vista e realidade da criança que a está vestindo.

5 CENA 4... CLACKET... AÇÃO...

Em uma tarde do mês de setembro, uma turma de crianças visitou a Brinquedoteca. O grupo totalizava dezenove crianças, todas de segundo ano do Ensino Fundamental de uma escola pública da nossa cidade. Eu estava organizando alguns materiais do laboratório, quando ouvi vozes de crianças. Abri a porta, vejo todas elas, acompanhadas por duas professoras. Dei as boas-vindas, todos entraram e realizamos os combinados, sentados no tapete. Quando estavam liberadas para explorar o local, como de costume e também sem minha surpresa, todas foram para o Canto das Fantasias. As meninas sempre usando vestidos, saias e saltos.

Realizando algumas leituras pela internet, acessei o site da Revista Crescer e lá encontrei uma reportagem intitulada ‘Vestir fantasias faz parte do mundo infantil’⁵. Realizei a leitura dela e em certo momento uma psicóloga falou que quando uma criança imita alguém, ela vive a ilusão de ser aquilo que desejaria para se sentir mais forte, protegida e até amada. Também abordou que é a partir desta imitação que ela se expressa, buscando seu lugar dentro e fora da família.

Porém, o que chamou minha atenção neste grupo foi que quase todos os meninos vestiam-se com roupas femininas. Devo ressaltar que tinha roupas femininas em maior quantidade no laboratório, mas entre fantasias masculinas e femininas, estes meninos preferiram a do sexo oposto ao deles. A revista Crescer abordou esta questão em uma de suas reportagens e em um determinado ponto uma pedagoga diz que “Mas não há nenhum mal no fato de garotos quererem

⁵ <http://revistacrescer.globo.com/Revista/Crescer/0,,EMI16121-15131,00.html>

experimentar roupas femininas". E uma psicóloga contribuiu dizendo que "o importante é dar diferentes opções de fantasia à criança".

Os meninos permaneciam fantasiados no ambiente por todo o tempo destinado à visita. Desfilavam pelo laboratório, brincando e dialogando com os colegas com voz feminina, digna das fantasias. Neste dia, um menino estava usando vestido de cor rosa, sapato de salto na cor vermelha, um chapéu rosa, plumas azuis no pescoço e uma bolsa atravessada no corpo. Uma das professoras que acompanhava o grupo disse para ele: "(...) se o teu pai te visse vestido assim..." Ou seja, pude perceber que para este menino a fantasia e o ambiente permitiam que ele se sentisse livre literalmente, que tivesse atitudes que em sua casa jamais poderia ter, permitia que ele brincasse como sentia vontade, sem preocupação de ser reprimido pelo pai. A mesma revista, acima mencionada, ainda enfatizou que:

Os jogos de imaginação das crianças são uma boa oportunidade para os pais aprenderem mais a respeito delas. "Elas podem dar pistas do que gostam ou não gostam, pois ressaltam isso nas fantasias", diz a pedagoga Maria Ângela. À medida que o filho cresce, vestir a fantasia passa a ter menos importância, mas as brincadeiras simbólicas ficam mais sofisticadas, com enredos mais complexos e a exigência da reprodução detalhada da situação imitada. O único alerta aos pais é para o caso de crianças muito imaginativas, que se convencem de ter os poderes invocados pela fantasia e podem agir de forma perigosa, como se fossem de fato o personagem fantasiado. (<http://revistacrescer.globo.com/Revista/Crescer/0,,EMI16121-15131,00.html>)

Assim como a revista abordou uma visão dos pais sobre as fantasias que os filhos usam, Jones (2004) diz que "nós, adultos, que passamos tempo demais nos esquivando de nossas fantasias e emoções mais fortes, podemos ficar desconectados ao nos depararmos com a imaginação crua e visceral de uma criança" (JONES, 2004, p. 62). É uma afirmação que merece reflexão, pois, não raro colocamos um peso sobre as crianças que elas não deveriam ter que carregar quando despejamos nossas ansiedades de adultos, de maneira inapropriada, sobre suas fantasias. Ele continua dizendo que:

Ao desejarmos que nossos filhos sejam felizes e inocentes, assumimos a tendência de enxergar a fantasia violenta como uma ponta da questão e a fantasia carinhosa como a outra. Mas descobri que as duas geralmente se misturam na imaginação das crianças. (JONES, 2004, p. 66)

Para os adultos compreenderem a importância que a fantasia exerce na construção de mundo da criança, eles precisam, muitas vezes, mudar seus pontos

de vista e procurar entender o porquê de as crianças utilizarem as fantasias. Assim, cabe refletir sobre a questão: “só enxergamos o que estamos preparados para enxergar...”

Sobre a exploração de objetos pelas crianças, Rodari (1982) relaciona a visão do adulto, dizendo que:

A mesa e a cadeira, que para nós são objetos consumados e quase invisíveis, dos quais nos servimos automaticamente, são para a criança durante muito tempo materiais de uma exploração ambígua e pluridimensional, onde se dão as mãos o conhecimento e a fabulação, a experiência e a simbolização. (RODARI, 1982, p. 87)

Utilizando o mesmo objeto do exemplo do autor, podemos nos questionar: o que é uma mesa para uma criança de um ano, independentemente do uso que os adultos fazem dela? Pensa-se que pode possuir uma imensidão de significações, entre elas, um teto, por exemplo, onde ela pode se agachar e passar horas brincando, imaginando ser uma casa ou outro ambiente qualquer que possui telhado. Pode representar também uma cabana, onde segredos são revelados, ou o lugar onde a mãe faz bolos ou doces para as crianças comerem, enfim, espaço em que a imaginação é a florada.

De acordo com Jones (2004), os adultos também precisam lembrar que “as crianças merecem ambas as coisas: um mundo adulto livre de violência e com agressividade bem dosada, além de um mundo infantil de fantasia que não esteja carregado com os medos dos adultos” (JONES, 2004, p. 61).

Então, o mundo da fantasia está presente na vida das crianças de uma forma que não se pode negar e é através dele que a criança compreende o mundo, sempre a partir da suposição: “o que aconteceria se...”. O adulto, por sua vez, necessita, antes de reprimir a criança, procurar refletir sobre a sua fantasia, desejando entender o que ela está sinalizando, ou simplesmente permitindo que ela brinque de forma livre, pelo prazer que o ato dá, sem limitá-la. Estando a criança em situações seguras, devemos deixá-la vivenciar diferentes experiências com as fantasias.

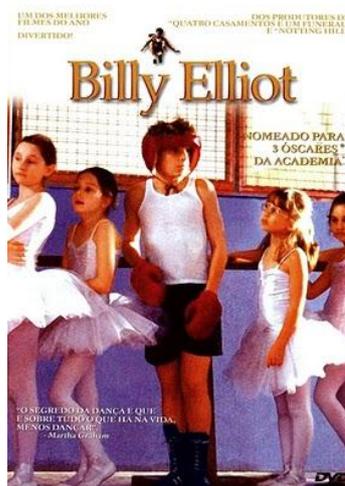
Sobre esta relação entre as fantasias que as crianças vestem e a visão dos adultos, a Revista Crescer, de vinte e dois de outubro do ano de dois mil e oito, traz uma reportagem intitulada “Fantasia para a criança: é perigoso?” que afirma que os pais devem explicar para os filhos a diferença entre a realidade e a imaginação, alertando aos mesmos de que:

é fundamental para evitar acidentes quando ele se sente um super-herói. Sim, se você não ficar atento. Seu filho pode vestir a roupa do herói e achar que tem super-poderes, o que o coloca em situações de risco, como pular da janela. Por isso, você precisa ficar de olho enquanto ele brinca e deixar sua casa segura (a tela na janela, por exemplo, evita que ele ache que pode voar e se jogue). “Por volta dos 3 anos, a criança já sabe que aquilo existe só na imaginação, mas é essencial reforçar a diferença entre ela e o personagem”, diz Eliana de Barros Santos, psicóloga e diretora do colégio Globinho(SP). Converse com seu filho e procure saber quais são os atributos do personagem que tanto o encantam, aproveitando para apontar a fragilidade do tal super-herói (como a criptonita e a solidão do Super-Homem). Mas não precisa proibir a fantasia. Ela ajuda muito a criança a enfrentar desafios como o primeiro dia de aula ou a hora de tomar vacina. (MARQUES, 2008⁶)

Estas visões apresentadas pelos adultos muitas vezes são possibilidades de reflexões, pois todos sabemos que os pais querem “o bem” para seus filhos e, por este motivo, se preocupam muito com as atitudes deles. No entanto, é oportuno mostrar para os pais que, através das fantasias, seus filhos estão desenvolvendo a linguagem, a inteligência e começando a aprendizagem de conceitos e valores, além de ajudá-los no enfrentamento de obstáculos do cotidiano.

Ao me daparar com a situação de meninos usarem roupas femininas, em uma das minhas orientações, trocando ideias com minha orientadora, lembramo-nos do filme “Billy Elliot”, que retrata a vida de um garoto de onze anos de idade, de família humilde, que vive em uma pequena cidade da Inglaterra e é obrigado pelo pai a treinar boxe. Em um momento de sua vida se depara com o balé e fica fascinado com a dança, com a qual tem contato através de aulas de dança clássica que são realizadas na mesma academia onde pratica boxe. Incentivado pela professora de balé, que vê no garoto um talento nato para a dança, ele se relaciona com o balé, de modo a enfrentar o seu pai. Resolve pendurar as luvas de boxe e se dedicar para a dança, mesmo tendo que enfrentar a contrariedade de seu irmão e seu pai em relação a nova atividade. O filme quebra um tabu sobre a orientação sexual de bailarinos. Billy consegue fazer com que o pai o apoie e o ajude a alcançar o seu desejo (ser bailarino). Passados alguns anos, Billy faz um espetáculo e o pai e o irmão vão vê-lo.

⁶ <http://diganaoeroticacaoinfantil.wordpress.com/2008/10/22/fantasia-para-a-crianca-e-perigoso/>
Reportagem: Fantasia para a criança: é perigoso? Escrita por Rosane Marques, em 22/10/2008



FONTE: <http://3.bp.blogspot.com/->

O2AaudSdoKA/Thd0VN3l3nl/AAAAAACRA/bvRfSMBS5Oo/s400/Billy%2BElliot.jpg

Poder experimentar, através de uma brincadeira, uma fantasia, sentindo-se livre para viver seu sonho, mesmo que por um certo espaço de tempo, poderá encorajá-lo ou não a acreditar na possibilidade real de sua hipótese. E o que foi uma brincadeira estará dando um suporte ao seu desenvolvimento físico, intelectual, emocional e/ou profissional.

6 CENAS FINAIS



FONTE: <http://crecheladybug.blogspot.com/2011/03/porque-as-criancas-precisam-de-fantasia.html>

A comunicação faz parte da vida da humanidade desde o seu surgimento. Ela se deu por diversas formas, entre elas: verbais, gestuais e sonoras. Não nos importa saber aqui qual dos meios de comunicação é o mais eficaz, mas estarmos cientes de que as pessoas necessitam expressar-se. A linguagem verbal é muito difundida entre os seres humanos e ela está explícita em muitos contextos, como por exemplo, o cinema, que se utiliza tanto da linguagem verbal, quanto da imagem para fascinar os espectadores.

Por sua vez, a criança também se utiliza muito da linguagem verbal e da imagem para expressar seus sentimentos, pois é através deles que elas exteriorizam suas observações pessoais. Além de possibilitarem a diversão da criança, as formas de comunicação verbais e imagéticas também contribuem para a liberação, o equilíbrio e o enriquecimento pessoal pela atividade. O jogo dramático é muito importante no desenvolvimento e na expressão da personalidade do aluno, bem como a improvisação que ocorre, inevitavelmente, como base deste jogo.

É neste contexto vívido que surgem as fantasias, como forma de expressar as

particularidades das crianças, em um local em que nada é combinado, mas improvisado. Elas criam seus movimentos e suas expressões conforme o que estão pensando naquele determinado momento e não como algo já estabelecido anteriormente, não como um momento formalizado.

Para os adultos, que possuem uma visão de controlar e de se responsabilizar pelos atos das crianças, compreenderem a importância que a fantasia exerce na construção de mundo delas, eles precisam, muitas vezes, mudar seus paradigmas e procurar entender o porquê de as crianças utilizarem as fantasias. E são estes pontos de vista que devem ser questionados, a partir da afirmação de que enxergamos somente o que estamos preparados para enxergar.

Sabemos que os pais querem “o bem” para seus filhos e por este motivo se preocupam muito com as atitudes deles. No entanto, é oportuno mostrar aos pais que, através das fantasias, seus filhos estão desenvolvendo a linguagem, a inteligência e começando a aprendizagem de conceitos e valores, além de ajudá-los no enfrentamento de obstáculos do cotidiano. Para os adultos, perceber este benefício que as fantasias trazem é um tanto complexo, pois eles passam tempo demais se esquivando de suas fantasias e emoções mais fortes. Não raro colocam um peso sobre as crianças que elas não deveriam ter que carregar, quando despejam suas ansiedades de maneira inapropriada, sobre suas fantasias, como foi o fato, de, por exemplo, um menino estar vestido com roupas femininas e sofrer preconceito por parte do pai, que o reprimiria se o visse trajando aquela fantasia.

As fantasias não foram aqui defendidas como puramente positivas, pois é nesta protagonização da criança que nós, adultos, devemos estar atentos, pois ela pode ter resultados negativos em relação às atitudes que a criança tem em suas brincadeiras. Ela acredita ser, realmente, o personagem e por isso, noções de tempo e espaço podem ser esquecidas por ela. Ao brincar com a fantasia tudo se torna lógico e humano para a criança, uma vez que estas possibilitam diversas interpretações, é um símbolo que vive de sua autonomia e que é adaptável a muitas realidades.

Assim, a presença das fantasias na vida das crianças é importante e merece observação dos adultos, sejam eles pais ou professores, pois é através deste instrumento que as crianças revelam suas individualidades, que por vezes não são verbalizadas de forma direta, bem como estas vestimentas auxiliam-nas no entendimento de mundo e aprimoram o desenvolvimento de suas aprendizagens

cognitivas, físicas e emocionais.

Fica assim, o roteiro do espetáculo, neste trabalho na forma de pesquisa protagonizado. Acredito ter atingido meu objetivo quando pude relacionar as situações observadas por mim e a teoria dos mais diversos autores sobre a fantasia, como forma de afirmar que a criança necessita assumir diferentes papéis: seu corpo necessita de experiências e sensações diversificadas. A criança precisa sentir-se em um lugar diferente daquele que ela ocupa, de uma postura diferente daquela que está acostumada e de uma outra vestimenta a que ela está habituada. Com a fantasia a criança pode ousar outras realidades, saindo e modificando o que para ela é rotineiro.

Estando eu rodeada das tantas fantasias que a Brinquedoteca da Univates possui acredito que, assim como as crianças, inicialmente vestiria muitas roupas, vestidos nas cores: rosas, amarelos e azuis, chapéus coloridos, sapatos de salto e muitas plumas no pescoço. Aproveitaria aquele momento para ‘experimentar’ várias peças de roupas femininas e posteriormente, penso que escolheria uma, a que fosse representar uma princesa, com um vestido longo, e caminharia pelo espaço com a postura e a delicadeza da “Cinderela” quando recebeu o encantamento da fada madrinha.

Ao findar o espetáculo compreendo a importância que o “Canto das Fantasias” possui na Brinquedoteca da Univates, bem como ressalto a importância de as vestimentas serem oferecidas para as crianças nas escolas, pensando no importante papel que elas desempenham no desenvolvimento infantil. “Fecho as cortinas” deste show pensando na seleção do próximo elenco, que poderão vir a ser protagonistas, talvez, em uma Especialização.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. ***Por amor e por força: rotinas na educação infantil***. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. ***Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil***. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COSTA, Marisa Vorraber. ***A educação na cultura da mídia e do consumo***. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

CRESWELL, John W. ***Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto***. Porto Alegre: Artmed, 2010.

GOUVÊA, Graça. ***Fantasia, Criatividade e Saúde: Gestalt-terapia com Crianças***. Disponível em: <<http://www.gestalttemfigura.com.br/gtcriancas.htm>>. Acesso em: 25 abr. 2012.

JONES, Gerard. ***Brincando de Matar Monstros: por que as crianças precisam de fantasia, videogames e violência de faz-de-conta***. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2004.

LAZANHA, João Pedro. ***Roupa do Bope vira fantasia mais procurada para***

crianças no Rio. Crianças e adolescentes são os grandes alvos dos comerciantes. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/carnaval-2011/ultimas-noticias/rio-de-janeiro/roupa-do-bope-vira-fantasia-mais-procurada-para-criancas-no-rio-20110218.html>>. Acesso em: 03 mar. 2012.

LÜDKE, Menga. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MARQUES, Rosane. **Fantasia para criança: é perigoso?** Blog da Campanha Diga não a Erotização Infantil. Publicado em 28 out. 2008. Disponível em: <<http://diganaoerotizacaoinfantil.wordpress.com/2008/10/22/fantasia-para-a-crianca-e-perigoso/>>. Acesso em: 26 abr. 2012.

MEDEIROS, Paulinha. **Papo de camarim.** Publicado em: 27 fev. 2011. Disponível em: <<http://papodecamarim.com/?p=5627>>. Acesso em: 14 abr. 2012.

MEZAN, Renato. **Psicanálise, judaísmo: ressonâncias.** Campinas, SP: Escuta, 1986. Disponível em: <<http://www.cefetsp.br/edu/eso/filosofia/identidadeidentificacao.html>>. Acesso em: 06 maio 2012.

NASIO, J.-D. **Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan.** Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

PEIXOTO, Fernando. **O que é teatro.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

POSTERNAK, Leonardo. **É por meio da fantasia que a criança trabalha seus temores.** Revista Pais e Filhos. Disponível em: <<http://revistapaisefilhos.com.br/saude/com-a-palavra-o-especialista/dr-leonardo-posternak/os-medos-e-o-brincar>>. Acesso em: 25 de abr. 2012.

REDAÇÃO DA REVISTA CRESCER. **Vestir fantasias faz parte do mundo infantil.** Revista Crescer. Disponível em: <<http://revistacrescer.globo.com/Revista/Crescer/0,,EMI16121-15131,00.html>>.

Acesso em: 26 abr. 2012.

REVERBEL, Olga. **Oficina de teatro**. Porto Alegre: Kuarup, 1993.

REVERBEL, Olga. **Teatro na escola**. São Paulo: Scipione, 1997.

RODARI, Gianni. **Gramática da fantasia**. São Paulo: Summus, 1982.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. **Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

SOUZA, Adelaide Rezende de. **Porque as crianças precisam de fantasia, videogames e violência de faz de conta?** Disponível em: <<http://crecheladybug.blogspot.com/2011/03/porque-as-criancas-precisam-de-fantasia.html>>. Acesso em: 26 abr. 2012.

<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-11295/> Acesso em: 06 maio 2012.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Billy_Elliot Acesso em: 06 maio 2012.

<http://3.bp.blogspot.com/O2AaudSdoKA/Thd0VN3I3nI/AAAAAAAAACRA/bvRfSMBS5Oo/s400/Billy%2BElliot.jpg>

Acesso em: 06 maio 2012.

<http://www.univates.br/servicos/brinquedoteca> Acesso em: 29 maio 2012.